



Sade e Mishima: confronto na Casa da Comédia

Libertino, o que é?

Fazer um espectáculo na sequência doutro, sendo dele o oposto, foi o que aconteceu na Casa da Comédia. A referência é «A Paixão segundo Pier Paolo Pasolini» — polémico espectáculo apresentado há cerca de dois anos — e o que se estreia amanhã chama-se «A Marquesa de Sade, representada na véspera do suicídio de Yukio Mishima», original escrito por Filipe La Féria, encenador habitual da companhia que de adaptação em adaptação (das peças anteriores), foi ganhando fôlego e coragem para se abalançar desta vez a ser o autor de tudo quanto é dito.

A ideia (qualquer espectáculo nasce numa ideia) de fazer este «batido» de Sade e Mishima, esta mistura de séculos XVIII e XX, começa quando Filipe La Féria se

romances e 18 peças de teatro era comandante de uma guarnição militar, proferiu naquele dia um vigoroso discurso aos seus soldados, no fim do qual se suicidou, enterrando um punhal pelo umbigo, segundo o rito do «seppuku», pelo qual um seguidor deve cortar, logo a seguir, a cabeça do sacrificado, com uma espada, para que não haja tempo de sofrimento...

Este caminho para o vazio

«No fundo, apesar de ter referências nipónico-francesas, é uma peça portuguesa» — defende La Féria. «Porque reflecte muito a realidade feroz que hoje atravessamos

de Artes Marciais), recebendo também lições de canto, a cargo da prof.^a Maria Cristina de Castro. A parte musical da peça conta com uma partitura original da autoria de José Júlio Lopes, interpretada por uma pequena orquestra e pelo cantor lírico Paulo Viana. Para a sua partitura, José Júlio Lopes procurou as correspondências entre a música tradicional japonesa e a do século XVIII, filtrando-as pela contemporaneidade da nossa música, conseguindo um resultado que levou a editora Valentim de Carvalho a interessar-se pela gravação da música e das canções da peça.

Uma violência branca, talvez

Se encenasse hoje, de novo, «A Paixão Segundo P.P.

o espectáculo, embora vindo na sequência de «Pasolini», é o seu contrário. É violento, sim. Mas mais pela palavra do que pela atitude dos actores. Uma violência branca, talvez.

O espectáculo mais ambicioso e mais megalómano

Não é de ânimo leve que a Casa da Comédia prepara qualquer espectáculo. O problema das instalações tolhe-a.

«1982 foi o ano mais difícil que já aqui passámos» — recorda, ainda fresco, Filipe La Féria. «A Câmara Municipal destruiu as obras que tínhamos feito, as instalações estão num estado precário. Por outro lado, a promessa de a Casa da Comédia vir a ser considerada 'património

Ficha técnica:
Texto, encenação, espaço cénico e figurinos (ufa!):
Filipe La Féria.

Dramaturgia: Maria Helena Garcia. **Telões:** Vera Castro. **Música:** José Júlio Lopes. **Músicos:** Jorge Parra, Jorge Garcia e André Sousa

Machado. Cantor: Paulo Viana. **Montagem:** Fernando Correia. **Luzes:** Eduardo Cruz. **Interpretação:** João d'Ávila, António Cruz, Miguel Martins, Rogério Samora, José Wallenstein, Durval Lucena, Juvenal Garcês e Lucinda Leal Loureiro.

apaixona pela controversa personalidade de Yukio Mishima. Convém recordar: Mishima é

este caminho para o vazio que sinto como artista e homem de teatro.» Sade atravessou a revolução

Pasolini», Filipe La Féria fã-lo-ia de modo diverso. Ao estudar Sade (na preparação da peça que a Casa da



Filipe La Féria diz do seu texto que, apesar das referências japonesas e francesas, é fundamentalmente uma peça portuguesa

das personalidades literárias mais importantes deste século, chegando mesmo a ser candidato ao Prémio Nobel. Em língua portuguesa, só duas obras suas («O Templo Dourado» e «Morte no Verão») estão publicadas. «Fui também muito influenciado — acrescenta La Féria — pelo estudo da Marguerite Yourcenar sobre o Mishima («A Visão do Vazio»), e comecei então a confrontar a própria personalidade do escritor Mishima com o fantasma que o persegue em toda a obra: Sade. Daí nasceu a ideia desta peça, em que faço representar a Marquesa de Sade (figura que Yukio Mishima identifica como extremo oposto do próprio Sade) na véspera do espectacular suicídio do escritor».

O «espectacular suicídio» de que nos fala o autor do novo espectáculo da Casa da Comédia ocorreu a 25 de Novembro de 1970. Mishima, que além de ter escrito 40

francesa («que perigosamente poderia ser popular»), Mishima é um contra-revolucionário. Isso permitiu a Filipe La Féria, no tempo histórico que atravessamos, manter em simultâneo uma análise de dois tempos históricos diferentes, em dois continentes diferentes. Análise que é depois confrontada com o próprio jogo dos actores. «Fascinou-me criar um jogo — diz La Féria —, a partir do teatro Nô e Kabuki (sem o pretender imitar), em que fosse ao encontro da origem de um teatro sagrado, versando um discurso totalmente oposto, tal como a própria temática da peça, que confronta dois discursos antagónicos: Sade/Mishima».

Este jogo proposto pelo autor/encenador exigiu um esforço muito grande aos actores que, durante seis meses, se prepararam nas técnicas de Akido e Kendo, sob a direcção do mestre Stobbaerts (director de Centro

Comédia estreia amanhã, dia 24), Filipe percebe que Pasolini estava errado quando caracterizava o libertino como fascista: o libertino, o marginal, não é um fascista, porquanto é afinal (e Roland Barthes corrobora) um anarquista.

«Por isso, 'pus' agora o Sade em confronto com um fascista.»

Mas, apesar de o novo espectáculo **nascer** naquele outro, inspirado em Pasolini, tem, no essencial, um «estilo» praticamente antagónico. Enquanto em «**A Paixão Segundo...**» os actores, nus, **representavam** relações sexuais, agora os corpos não se tocam (Mishima não suportava o seu)...

A Marquesa de Sade foi o carrasco de Sade. Mishima estuda-a intensamente e identifica-se com ela. A Marquesa de Sade suicida-se por Napoleão; Mishima comete **hara-kiri** pelo

operador.

aqui dizermos, ao início, que

cultural' tarda a efectivar-se. Mesmo assim, contando só com o (baixo) subsídio de que dispúnhamos para montar esta peça, conseguimos fazer umas beneficiações, criando um novo espaço, um novo palco e uma plateia confortável...»

A Casa da Comédia — sabe quem anda «por dentro» — é «acusada» de **levar** meses e meses na preparação de uma peça, sem apresentar espectáculos. Confrontado, Filipe La Féria defende-se: «Há que optar: ou as companhias se reduzem a entidades administrativas, ou não, e, neste caso, levam o tempo suficiente para preparar um espectáculo a sério, como acontece em qualquer parte do mundo.»

E os outros?

«Sei perfeitamente que é possível preparar um espectáculo em duas semanas, ou até menos. Mas não é essa a nossa opção. De qualquer maneira — tens razão —, há necessidade de regularizar o número de espectáculos. A nossa peça infantil (**'Meu Amor Pequenininho'**) vai continuar a fazer sessões em tudo o que é sítio e, depois da estreia da **'Marquesa de Sade'**, vamos preparar um outro espectáculo para ser representado à meia-noite.»

E assim se anda na Casa da Comédia, esse teatrinho da Rua São Francisco Borja onde, já lá vão alguns anos, aportaram Almada Negreiros e seus amigos. Foi também ali que **fez escola** o dr. Fernando Amado. Numa companhia onde as promessas, por estafadas, já nem a palavra valem, uma outra continua de pé, vinda da edilidade: erguer ali um busto do dr. Fernando Amado.

Mas tudo isto o grupo põe agora para trás, apostado que está em erguer aquele que será — segundo as palavras de Filipe La Féria — «o espectáculo mais ambicioso e mais megalómano da Casa da Comédia».

Nuno Figueira (to)